

# Abiquim teme centralização total

por Luis Leonel  
de São Paulo

Se o governo adotar a centralização cambial para as importações, o que até o momento não foi decidido, a indústria de produtos químicos poderá enfrentar sérias dificuldades. Grande parte dos fornecedores externos do setor, acredita o diretor executivo da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), Rubens Gomes, deixará de vender para o País "pois com a centralização cambial não saberão quando receberão pelas mercadorias vendidas".

Isso ocorreu em 1983, quando a centralização cambial estendeu-se para as importações. Gomes, no entanto, não dispõe de dados para deduzir de quanto foi a queda das importações no período de vigência da centralização cambial

daquele ano. Mas o risco de os fornecedores externos reduzirem suas entregas se mantém, potencialmente, também neste 1987.

Além disso, se a medida vier a ser adotada pelo governo, serão principalmente as indústrias nacionais do setor químico as mais sacrificadas. Isso porque, explicou Gomes, as estrangeiras têm no exterior suas matrizes, dispostas a remeter-lhes os insumos necessários — mesmo com a centralização cambial — para não paralisarem as atividades.

Se as filiais brasileiras não forem supridas diretamente pelas matrizes, estas últimas poderão negociar com os fornecedores externos da filial, inclusive responsabilizando-se pelos pagamentos, para que as remessas não sejam interrompidas. "Em resumo, as multinacionais estão em

uma situação bem mais confortável", afirmou o diretor da Abiquim.

Uma declaração do gerente de comunicação da Basf Brasileira S.A., Ricardo Botelho, evidencia isso: "É claro que a matriz colaborará conosco, fazendo tudo para que nossa produção continue". Ele não soube informar o valor das importações da Basf em 1986.

## DÓLAR BAIXO

Além do problema da centralização cambial, a queda do dólar, que se nota atualmente no mercado internacional, também está prejudicando o setor, que importa seus insumos principalmente de países que estão com suas moedas fortalecidas em relação ao dólar, como é o caso da Alemanha, Suíça e da Inglaterra. Igual quantidade de dólar em 1987, portanto, não compra o mesmo que comprava em 1985, explicou Gomes.

No entanto, a Carteira de Comércio Exterior (Cacex) do Banco do Brasil, está limitando as importações deste ano ao mesmo valor registrado em 1985. As importações de 1986 chegaram a US\$ 2 bilhões, entre químicos e petroquímicos, incluindo matérias-primas para fertilizantes, o que representa 30% a mais que os valores de 1985. Segundo Gomes, o setor precisaria importar em 1987 pelo menos quantidades iguais a 1986. A queda do dólar e a desconfian-

ça dos fornecedores externos tornam isso difícil.

## PREOCUPAÇÃO

Na opinião de Gomes, a indústria química será mais prejudicada que a petroquímica, em caso de centralização cambial. A primeira importa várias especialidades químicas, como insumos de química fina, para produção de remédios, e intermediários para fabricação de corantes e pigmentos. A segunda depende, basicamente, a nafta, derivada do petróleo, que segundo ele não deverá ter problemas para a importação.

Botelho, da Basf, diz, porém, que "não estamos preocupados; acreditamos que o governo fará todo o possível para não afetar o setor produtivo da economia, resguardando principalmente as indústrias exportadoras".

Ele cita entre os principais clientes da empresa, as indústrias de couro, de construção civil, têxtil e automobilística, todas exportadoras. Se a indústria química for sacrificada, argumenta, indiretamente seus clientes é que pagarão, e como eles são em sua maioria exportadores o governo não teria interesse nisso. O governo precisa exportar para aumentar sua reserva de divisas em dólar.

A filial brasileira da Basf faturou, em 1986, cerca de US\$ 600 milhões, representando 2,5% da receita mundial do grupo.